



A Salvação é presente

Carta do Abade Geral OCist para a Páscoa de 2020

Caríssimos,

persistindo e para muitos, piorando a emergência criada pela epidemia do coronavírus, pareceu-me bem aproximar-vos com uma segunda Carta, para continuarmos trocando uma palavra que aumente a comunhão e também para aprofundar o significado que essa circunstância pode ter para todos à luz da Páscoa iminente. Quanto mais aprofundarmos o significado e a mensagem da experiência que vivemos, mais a recuperação da vida dita "normal" será um "avanço ao largo, em águas profundas" (cf. Lc 5,4) e não apenas um estéril retorno, provavelmente impossível, como estávamos antes. Porque não é verdade que antes da epidemia estávamos bem, imersos em uma cultura e uma organização econômica e social em que os desejos eram frequentemente criados pela ganância de poucos e não pela natureza do nosso coração ou pela necessidade dos mais pobres.

O horizonte do deserto

A situação que estamos vivendo me parece cada vez mais uma marcha no deserto. No deserto, como em meio ao mar, o horizonte não é definido. No deserto, não se pode orientar fixando-se no horizonte, que muitas vezes se transforma em uma miragem. Até alguns meses ou semanas atrás, o horizonte projetado por nós parecia direcionar o nosso caminho, ou melhor, a nossa correria. Parecíamos progredir com confiança, porque tudo já estava estabelecido, fixado, planejado. Agora, esse horizonte acabou se revelando como uma miragem, uma promessa falsa. E agora? Como podemos continuar caminhando? E qual direção podemos tomar?

Neste tempo de Quaresma a liturgia, frequentemente, nos recorda a travessia do povo de Israel no deserto. Deus permitiu que os israelitas vagassem no deserto por quarenta anos para educá-los à entrar na Terra Prometida. Assim, o povo aprendeu a deixar-se

guiar, não espreitando o horizonte, mas prestando atenção à presença de Deus. O caminho do povo era guiado pela nuvem que manifestava a presença constante de Deus e sua vontade. "Todas as vezes que a nuvem se elevava acima da Tenda, imediatamente, os israelitas se colocavam a caminho, e no local em que a nuvem pousava, lá os israelitas se acampavam. (...) Se a nuvem permanecesse estacionada sobre a Tenda por dois dias ou um mês ou um ano, os israelitas permaneceriam acampados e não partiam; mas quando se levantava, eles levavam as Tendras." (Nm 9,17.22)

Todo o caminho do povo de Israel foi orientado pela presença de Deus, não pelo que eles espionavam ou imaginavam no horizonte.

Todos nos perguntamos: até quando durará a epidemia? Por quanto tempo devemos estar fechados em nossas casas? Quando podemos voltar à vida normal? São perguntas legítimas e compreensíveis, mas não devem nos distrair da pergunta real que sempre devemos fazer a nós mesmos, inclusive quando não há uma epidemia: Deixamo-nos guiar pela presença de Deus?

Deus conosco

Deus não nos dá indicações do caminho sem nos acompanhar. Deus sempre caminhou com o seu povo. Em Cristo, o Emmanuel, Deus conosco, o caminho a seguir é o próprio Deus que caminha conosco, que sempre podemos seguir. Jesus Cristo, "Caminho, Verdade e Vida" (Jo 14,6), é o verdadeiro horizonte que guia os nossos passos na travessia do deserto de nossa existência. Quando então, nos sentimos desorientados como agora, não devemos examinar o horizonte, olhar para longe, mas perceber novamente, ou talvez pela primeira vez, que Jesus está próximo, que ele está conosco, ele olha para nós e nos mostra o caminho, dizendo-nos: "Fique comigo! Siga-me!"

O Papa Francisco, em 27 de março, lembrou com intensidade durante o momento extraordinário de oração na Praça de São Pedro: este é "o tempo de decidir o que conta e o que passa, de separar o que é necessário daquilo que não o é. É o tempo de reajustar a rota da vida rumo a Ti, Senhor, e aos outros". E acrescentou: "Não somos autossuficientes, sozinhos, sozinhos afundamos: precisamos do Senhor como os antigos navegadores das estrelas. Convidemos Jesus a subir para o barco da nossa vida. Confiemos-Lhe os nossos medos, para que Ele os vença. Com Ele a bordo, experimentaremos - como os discípulos - que não há naufrágio. Porque esta é a força de Deus: fazer resultar em bem tudo o que nos acontece, mesmo as coisas ruins. Ele serena as nossas tempestades, porque, com Deus, a vida não morre jamais".

Se necessitamos concentrar-nos em uma coisa, mesmo em meio a tantas preocupações e medos, é precisamente a presença de Cristo conosco, aqui e agora, no barco agitado pela tempestade ou no meio do espaço sem horizonte, do deserto que temos que atravessar.

Reconhecendo Cristo em nosso meio, ele transforma cada espaço hostil em caminho que percorremos com Ele, com Ele que é o sentido e a plenitude da vida. Também a morte é a via para a plenitude da vida, o caminho para o Pai, se a vivemos com Jesus. São Paulo resumiu este anúncio escrevendo aos Tessalonicenses: "Ele morreu por nós para que, quer acordados ou dormindo, vivemos unidos à ele". (1 Ts 5,10)

Este é o anúncio pascal, a presença viva do Ressuscitado em nossas vidas, em todas as circunstâncias. Nos lembrou novamente o Papa em 27 de março: “No meio deste isolamento que nos faz padecer a limitação de afetos e encontros e experimentar a falta de tantas coisas, ouçamos mais uma vez o anúncio que nos salva: Ele ressuscitou e vive ao nosso lado.”

Jesus morreu na Cruz para estar vivo junto de nós, para permitir-nos viver junto dele, e mais: para abraçá-lo, como ainda nos convida o Papa Francisco: “Abraçar o Senhor para abraçar a esperança: aqui está a força da fé, que libera do medo e dá esperança”.

Abraçar a Salvação

Vamos viver a Semana Santa e a celebração da Páscoa na mesma situação em que nos encontramos e na qual se encontra o mundo já há algumas semanas. A Igreja nos convida a vivê-la como uma oportunidade oferecida a todos para focarmos no essencial: o Mistério é presente, é o Filho de Deus morto e ressuscitado por nós. A salvação é presente, e é uma Pessoa que "vive ao nosso lado" e que podemos abraçar, abraçando nele a Vida que vence a morte e a Misericórdia que vence o pecado. Nele, também é superada toda distância que nos separa de Deus e dos irmãos, mesmo a distância dramática e dolorosa de todos os que sofrem e morrem nestes dias sem a presença física de seus familiares.

Em Cristo, nos é dada uma proximidade espiritual de uns para com os outros, que tem a sua consistência absoluta na presença e no amor de Deus. Nada é mais real do que a presença de Deus, mesmo que para nós seja uma presença misteriosa porque estamos imersos nela, como anuncia Paulo aos atenienses: "Nele vivemos, nos movemos e existimos" (Atos 17,28). Mas justamente quando Paulo explica que essa presença é Jesus ressuscitado, os atenienses zombam dele e deixam de ouvi-lo. A vida para eles não foi assim tão dramática para deixar-se alcançar por uma proposta real de salvação. Talvez, muitos de nós, também tenhamos ouvido o anúncio pascal com superficialidade, como se dela não dependesse a verdadeira salvação de nossa vida e a do mundo inteiro.

Para São Paulo, esse anúncio não era uma teoria: era a comunicação de uma real familiaridade com Jesus ressuscitado que, logo depois em Corinto, no meio da noite, lhe disse: "Não tenhas medo: continua a falar e não te cales, porque eu estou contigo e ninguém tentará fazeres o mal" (Atos 18,9-10), ou que também, quando ele foi preso em Jerusalém, de noite «foi até ele e disse: "Coragem! Assim como deste testemunho de mim em Jerusalém, é necessário que testemunhes também em Roma"» (Atos 23,11). A proximidade familiar do Ressuscitado é um dom, é Ele que se entrega a nós, Ele que vive para isso, para estar em amizade conosco. Esta é a invencível Salvação de nossa vida, e isto é o que somos chamados a testemunhar. Como? Antes de tudo, vivendo-a, permanecendo nesta intimidade de Deus conosco. A vida daqueles que são familiares com Cristo se torna um sinal seguro e convincente de sua presença que salva o mundo.

A marca do eterno

Este ano comemoramos o 400º aniversário da morte da Venerável Veronica Laparelli, monja e mística do mosteiro cisterciense da Santíssima Trindade de Cortona. O que chama atenção nos místicos é que o essencial de seu extraordinário carisma é

basicamente, mostrar o quanto Jesus pode estar presente e familiar em uma vida humana comum. Os testemunhos das monjas que viveram com a Venerável Verônica descrevem como sua vida, seus gestos e toda a sua pessoa se tornaram, por assim dizer, o "molde" visível de uma Presença invisível. Por exemplo, quando Nossa Senhora lhe deu o Menino Jesus para segurá-lo, as monjas viram o contorno do corpo do Menino em sua veste. Ou então, como testemunhou a sua Abadessa, a viram "conversar com o doce Jesus e caminhar passo a passo na Capela, exprimindo agradáveis considerações, mostrando grande alegria no rosto, mas com modéstia, como é o costume falando com um grande Personagem". Não era uma ficção, mas o testemunho extraordinário de sua familiaridade com Cristo. Aquelas que estavam entorno dela não viram Jesus, mas viam a beleza de sua amizade esponsal, prova evidente e convincente da presença de Cristo.

Deus concede esses carismas místicos para nos lembrar que, para todos os batizados, o Espírito Santo quer oferecer uma experiência extraordinária na vida cotidiana de poder permanecer e conversar com Cristo, o Senhor. E esse relacionamento é a Salvação presente que vence o pecado e a morte.

Assim como dizia o Papa: "Abraçar o Senhor para abraçar a esperança: aqui está a força da fé, que libera do medo e dá esperança" (27 de março de 2020).

Abraçar é um gesto de amizade, de familiaridade. O abraço é simbolicamente uma troca de corações, colocando o próprio coração em contato com o coração do outro, para comunicar o que em cada um há de mais íntimo e precioso. O abraço não prende, mas dá e acolhe. Talvez seja por isso que, no Evangelho, vemos Jesus abraçando somente as crianças: ele queria deixar uma imagem de abraço gratuito, na pura alegria de trocar amor. E ele pediu para nos tornarmos como crianças, para acolher o Reino como elas (cf. Mc 10,15-16). O Reino de Deus é o abraço de Cristo.

Nessas semanas, a maior parte dos fiéis deve renunciar à comunhão sacramental e é convidada à comunhão espiritual. Não esqueçamos que a comunhão espiritual com Jesus não é tanto a alternativa à comunhão sacramental, mas o seu fruto. Devemos sempre e em toda parte viver a comunhão espiritual com Cristo, a familiaridade com Ele, porque é por isso que nos são dados a Eucaristia e todos os sacramentos.

Um autor cisterciense do século XII, Guilherme de Saint-Thierry, expressa bem: "Então, se você quer, e se realmente deseja, [a substância do sacramento eucarístico] está à sua disposição a qualquer hora do dia ou da noite (...). Cada vez que, em memória daquele que sofreu por você, tu deixares que a sua alma seja impregnada daquele evento com toda a sua piedade e fé, comeis o seu Corpo e bebeis o seu Sangue; e, por todo o tempo em que permanecerdes nele com amor, Ele, através de sua santidade e de sua justiça, permanecerá em vós e sereis contados como parte do seu Corpo e como um dos seus membros". (*Carta de ouro*, § 119)

A marca da caridade

"Parte do seu Corpo e como um dos seus membros". Guilherme recorda-nos que, se o fruto do sacramento é a comunhão constante com Cristo, o fruto da verdadeira comunhão com Cristo é sempre a comunhão fraterna, a consciência de ser todos membros do seu Corpo. Esta comunhão é universal, nos une a toda a humanidade, porque o Filho de Deus morreu e ressuscitou por todos. Cristo morreu e ressuscitou para reunir todo o gênero humano na comunidade dos remidos, dos membros de seu

Corpo glorioso, fraternamente unidos no amor filial ao Pai. Da cruz e do Céu, o Senhor atrai todos a si: "E quando eu for levantado da terra, atrairei todos para mim" (Jo 12,32).

Então, nada imprime e manifesta em nós a real presença do Ressuscitado, quanto o permitir que a necessidade dos outros mude a forma de nossa pessoa, de nossa vida, do nosso tempo, e de tudo o que somos ou temos. Quem dá a vida ao próximo se torna um sinal de Cristo no mundo, manifesta a sua presença que salva.

Cada um de nós é chamado neste momento e por toda a vida a encarnar a forma de Cristo segundo a múltipla riqueza de Sua doação total a todos. Cada membro do seu Corpo é chamado a expressar a única e infinita caridade de Deus na variedade inesgotável dos carismas, das vocações, mas também da necessidade que encontramos.

Esse mistério me foi particularmente lembrado pela mensagem de um enfermeiro do Norte da Itália, com o nome significativo de Emanuele, que nestas últimas semanas trabalha e se doa à frente mais avançada no tratamento dos pacientes com coronavírus. Dá a voz a tantos outros profissionais de saúde que pedem a ajuda de nossa oração e a oferta de nossa vida, mas também o clamor silencioso de todos os doentes e de seus familiares e amigos angustiados.

"Meu trabalho sempre se baseou nos sólidos fundamentos da oração, vivida como uma missão para Aquele que vive no excluído, no sofredor, e hoje, no paciente em crise respiratória por causa do Covid-19, que está colocando à dura prova a Itália inteira!

Tenho certeza de que a oração de vocês é constante e agradável a Deus, mas me permita incomodá-los para pedir proximidade espiritual na oração.

Peço-vos que sejais os nossos "Aaron" que levantam os nossos braços quando estamos cansados e desanimados, que dos vossos mosteiros estejais prontos para secar as nossas lágrimas toda vez que pensamos que não conseguimos mais, para confortar aqueles que nos esperam em casa sem saber como estamos e o que realmente nossos olhos e nossos corações estão vivendo! As pessoas morrem sozinhas sem seus familiares próximos, mas morrem envoltas no amor de Deus em nossos departamentos, que não têm mais espaço, nem tempo, quartos, corredores sem cor; mas, apesar do caos e do medo que também afeta cada um de nós, cheio de corações que lutam a cada hora, a todo momento, para dar vida a quem parece não tê-la mais! Sejais a nossa força no Santo Rosário; sejais o nosso oxigênio na leitura da Palavra e rezando o Ofício Divino! Sejais a ressurreição ao céu para nossos pacientes durante o partir do pão, onde Cristo se manifesta vivo para cada filho que anela pela Sua Fonte de Salvação!"

Caríssimos, entremos na Semana Santa e na alegria invencível da Páscoa, acolhendo este chamado a ser membros vivos do Corpo do Ressuscitado, recordando sempre que a vida do Corpo de Cristo é a caridade!

Ir. Mauro-Giuseppe Lepori OCist